

TALHADO PARA A GRANDEZA

Maria do Rosário Caetano
Colunista do *Jornal de Brasília*

O Brasil celebra este ano o sesquicentenário de nascimento de Castro Alves, que será lembrado em livros, filmes e relançamento de obras

No próximo dia 14 de março, o País comemora o sesquicentenário de nascimento de Antônio Castro Alves (1847-1871), um dos poetas mais populares da história brasileira.

A Bahia, mais do que todos os territórios, dedicará festejos nobres a um de seus filhos mais ilustres. Mas os festejos de hoje lembram, apenas palidamente, os de 1947, data do centenário. Aí sim, o País festejou para valer. Castro Alves estava no auge, era adorado por multidões, recitado nas escolas e cantado em saraus.

Os tempos mudaram muito. Hoje, os ídolos populares se expressam em outras linguagens. Música, cinema e TV geram os grandes ídolos da juventude. Mesmo assim, São Paulo e Recife, onde estão as duas mais antigas faculdades de Direito do País, lembrarão o aluno brilhante, tribuno afoito e carismático. Brasília também estruturou programação significativa.

Os cineastas Néelson Pereira dos Santos e Sílvio Tendler prepararam dois filmes. O primeiro, ex-aluno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, vai realizar um longa-metragem intitulado *Castro Alves Guerra e Liberdade*, sobre a agitada passagem do poeta por São Paulo e seu rumoroso caso com a atriz portuguesa, Eugênia Câmara. Tendler fará um documentário.

O diretor da Faculdade de Direito da USP, Álvaro Villaça Azevedo, lembra que a escola que notabilizou seus feitos na história político-institucional brasileira, e teve, além de Castro Alves, alunos brilhantes como Ruy Barbosa, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e o Barão do Rio Branco, estará comemorando, ao longo deste ano, além do sesquicentenário do poeta, seus 170 anos de fundação.

O professor Villaça lembra, ainda, que a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco dará apoio total ao filme *Guerra e Liberdade*, pois "ele

soma esforços de dois de nossos mais brilhantes alunos, Castro Alves e Néilson Pereira dos Santos" diz.

Antes de se transferir para a Faculdade de Direito de São Paulo, Castro Alves estudou na Faculdade de Direito do Recife, a mais antiga do País. Lá tornou-se amigo de Tobias Barreto, outro aluno brilhante. Travaram grande polêmica e dividiram a mocidade. Havia os tobinistas e os castristas. Os recifenses, como os paulistas, lembrarão o poeta dos escravos em sua passagem pela cidade.

Bahia Só na Bahia a festa será de arromba. Se não for, será por negligência da platéia, já que Consuelo Pondé, diretora do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, comanda, incansável, a Comissão do Sesquicentenário. Como todo baiano, ela adora festa. Quando o motivo é Castro Alves, o ânimo de Consuelo chega ao paroxismo.

"*Costumam dizer aqui na Bahia*" - conta, zombeteira "*que eu sou viúva de Castro Alves, tamanha é minha veneração por ele. Digo, sem nenhum constrangimento, que ele é o grande herói da nacionalidade brasileira. Um artista como poucos*"

"*Sabe*" tieta a entusiasta admiradora "*que eu tenho o nome artístico da última paixão dele, uma italiana (Agnese Trinci Murri) chamada, em seus versos, de Consuelo?*" E prossegue: "*temos arquivadas cartas nas quais ela jura nunca ter tido nada com Castro Alves. Mesmo assim, brincam comigo que tenho nome igual ao da última amada do poeta*"

Depois das brincadeiras, Consuelo Pondé anuncia algumas das atrações dos festejos do Centenário. "*Na Associação Comercial da Bahia, promoveremos sarau idêntico ao último freqüentado pelo poeta. Ele já estava muito doente e tivera o pé amputado (em julho de 1869), depois do tiro que levou numa caçada. Mesmo tuberculoso e com a saúde profundamente abalada, fez questão de comparecer a um encontro em benefício de crianças desvalidas em consequência da Guerra Franco-Prussiana (de 1870). No evento, promovido pelo Comitê du Pain, em fevereiro de 1871, ele declamou o poema Quem Dá ao Pobre Empresta a Deus. Foi sua última declamação pública*"

O dia 14 começará com uma romaria a Cabaceiras, onde nasceu o poeta. No Parque Castro Alves será celebrada missa e a população passará o dia inteiro dedicada a atividades artísticas em memória do filho mais ilustre.

Em Salvador, na Praça Castro Alves, cantada por Caetano Veloso, os festejos serão múltiplos. "*Queremos tudo ao ar livre*" - avisa Consuelo - "*para*

sermos coerentes com o poeta" Ele disse em um de seus poemas mais famosos que *"a praça é do povo/como o céu é do condor"*. Por isto, o ator Jackson Costa, das novelas *Renascer* e *Tocaia Grande*, está escalado para declamar versos de Castro Alves, ao pé da estátua.

No mesmo local, serão lançados selo e cartão telefônico comemorativos ao sesquicentenário do vate baiano. A Odebrecht lançará, então, álbum com fotos e documentos que narram a (curta) história do autor de *Os Escravos* e do drama *Gonzaga A Revolução de Minas*. *"Entre as raridades documentadas no livro"* avisa Consuelo *"estarão fotos de uma mecha de cabelo de Castro Alves, a mesa onde ele escreveu 'Espumas Flutuantes', reproduções em fac-símile de poemas manuscritos, e boa-parte de sua memória, que guardamos com zelo pretoriano"*

A mecha de cabelo de Castro Alves mostra a que nível chegava a adoração popular ao poeta romântico. Antes de ser enterrado, houve quem achasse por bem guardar uma das mechas de seus belos e fartos cabelos. Aliás, um dos grandes atrativos de sua bela e invejada estampa. Homem de várias amantes, Castro Alves viveu com a atriz Eugênia Câmara, seu mais tórrido romance. Dez anos mais velha do que ele, Eugênia só cedeu depois de constatar a audácia dos versos enviados insistentemente pelo poeta. Os momentos vividos pelo casal são evocados por Castro Alves no poema *Aves de Arribação*, de 1870.

Na lista de convidados dos festejos baianos, está Jacy Faria Souto, de 80 anos, sobrinha-neta de Castro Alves. Ela esteve nos festejos de 1947 e garantiu deixar Petrópolis, onde vive, para ir a Salvador, festejar o tio ilustre.

UM "CHE" GUEVARA ABOLICIONISTA

O cineasta Néelson Pereira dos Santos vai recriar uma parte da história do poeta Castro Alves num épico histórico-literário-bélico

Néelson Pereira dos Santos vai imprimir no celulóide um sonho de dezoito anos. Ou seja, filmar parte da história do poeta Antônio de Castro Alves. Justo o período em que ele passou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. A mesma escola em que o cineasta realizou seu curso de advocacia. O filme será um longa-metragem de conteúdo histórico-literário-bélico.

Em 1979, Nélson escreveu o roteiro do filme *Castro Alves*, registrando a passagem do poeta romântico baiano pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, centro de São Paulo. Usou como base imensa pesquisa coordenada por Rudá de Andrade e levada a cabo por historiadores, professores de Letras e arquitetos da USP e Unicamp.

Rudá lembra bem de um dos estudos, que demandou viagens da equipe a estúdios de Los Angeles. "Nélson precisaria registrar a Faculdade de Direito no Largo de São Francisco, onde estudava Castro Alves, tal qual ela se apresentava em 1869. Ou seja, *"cercada de riachos e lavadeiras, áreas verdes e nenhum prédio"* Kitings estudou os efeitos especiais que permitiram a maquiagem cenográfica na São Paulo do final do século XX, já totalmente ocupada por prédios altos. *"Hoje"* lembra Rudá *"com o desenvolvimento dos efeitos especiais, será bem menos complicado recriar a São Paulo de 152 anos atrás, que no começo dos anos 80"* O desenhista Valandro Kitings já retomou seu trabalho na pré-produção de *Castro Alves*.

Retomada - O custo de produção de *Castro Alves* e o desejo de filmar *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, adiaram o projeto por alguns anos. Na segunda metade dos anos 80, Nélson sonhou em retomá-lo. Faltou quem ousasse financiar um filme histórico, orçado em US\$ 3,5 milhões.

O sonho tornou-se impossível na primeira metade dos anos 90. Com o Governo Collor, o cinema brasileiro ficou à deriva. Agora, com a nova Lei do Desenvolvimento do Audiovisual, o projeto do autor do clássico *Vidas Secas* ganhou fôlego. Produtores franceses e portugueses mostram imenso entusiasmo pela história do bardo romântico, poeta de extração huguiana e abolicionista militante. Além de amante da atriz Eugênia Câmara.

Antônio de Castro Alves foi uma espécie de "Che" Guevara da poesia. Morreu aos 24 anos, tísico e famoso. Belo, muito belo - dizia a lenda - olhava-se no espelho e comentava: *"senhoras mães, segurem suas filhas, Castro Alves vai sair às ruas"*

A quem caberá a honra de interpretar o bardo? A Marcos Palmeira? Ou a Bruno Campos, um dos galãs de *O Quatrilho*? Nélson diz preferir um desconhecido. Se o ator for nascido na Bahia, melhor ainda. Pretende escolhê-lo em testes públicos. Os candidatos deverão aparentar apenas 21 anos, idade de Castro Alves nos agitados tempos da Guerra do Paraguai.

Orçamento Castro Alves, o filme, se passa na São Paulo do ano de 1868, quando o jovem baiano estudava Direito no Largo de São Francisco e vivia maritalmente com a atriz Eugênia Câmara, de 28 anos.

Além dele, destacam-se na trama cinco outros personagens de relevo: Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, José Bonifácio, o Moço, o poeta satírico e ex-escravo, Luís Gama, e Dionísio Cerqueira.

Nélson lembra que *"os três primeiros tornaram-se muito famosos. Luís Gama e Dionísio, porém, foram quase esquecidos"* Dionísio - acrescenta *"tornou-se um militar de grande prestígio. Chegou ao generalato. É dele um dos livros que fundamentam as pesquisas do filme: 'Reminiscências da Guerra do Paraguai'"*

O filme vai concentrar-se na ação dos jovens estudantes sendo Castro Alves, o foco das melhores atenções. E haverá espaço nobre para o amor do vate por Eugênia Câmara, atriz portuguesa que chegou à posteridade como *"uma víbora"* Nélson discorda e a define como *"uma mulher fantástica, injustamente maltratada pelos biógrafos do poeta"*.

Na moralista sociedade brasileira do século passado, ela era a atriz de *"vida fácil"* mais velha e que mantinha um caso com um jovem poeta-e-estudante, sem estar unida a ele pelos laços do casamento. Os biógrafos, lembra Nélson, *"culpam Eugênia pelo fato de Castro Alves levar vida boêmia e, principalmente, por beber muito. Acusam-na, com frequência, de ser alcoólatra"*

No filme, o enfoque será diferente. O cineasta avisa que *"as pesquisas de nossa equipe comprovam que ela era uma mulher maravilhosa, uma intelectual e artista sensível. Publicou livro de poemas, escrevia manifestos, planejava montagens teatrais ousadas e de temática brasileira. No tempo, histórico do filme, ela cuida da produção de Gonzaga, drama escrito por Castro Alves a partir do poeta inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga"*

Abolicionista No roteiro escrito por Nélson, a partir das pesquisas do grupo liberado por Rudá de Andrade, a luta pela Abolição da Escravatura e a Guerra do Paraguai terão lugar de destaque.

"Pretendo" avisa o cineasta *"mostrar que a reação dos jovens abolicionistas à Guerra do Paraguai encontra perfeito parâmetro na reação dos jovens americanos à Guerra do Vietnã. Houve um movimento de massa liderado por estudantes brasileiros (entre eles Castro Alves) contra a Guerra da Tríplice*

Aliança (Brasil, Argentina, Uruguai) que quase dizimou o Paraguai de Solano Lopez'

No início do conflito, Castro Alves até escreveu poema para os jovens voluntários. Conclamava-os a trocar os livros pela espada e lembrava que houve quem usasse a espada como pena (Napoleão). Conclamava os jovens a ir para os campos de batalha, a partirem em busca da glória. Agindo assim, entrariam para a História. Ele mesmo não foi, pois já era tísico nesta época.

"Depois" pondera Néelson "a Guerra do Paraguai começou a se prolongar demais. Durou até 1871. Os intelectuais, artistas e cidadãos mais conscientes perceberam que o conflito servia de desculpa para adiar a solução de todos os problemas nacionais. Em especial, a escravidão. E Castro Alves e seus colegas mais atuantes eram abolicionistas. Mudaram de opinião"

Néelson está cuidando da captação de recursos orçamentários para seu épico castroalvino. As filmagens estão previstas para o final deste ano. No mais tardar, no primeiro semestre de 98.

AMANTE DA POESIA E DA POLÊMICA

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu no dia 14 de março de 1847, na Fazenda de Cabaceiras, no município de Muritiba, e faleceu em Salvador, Bahia, 24 anos depois (em 06 de julho de 1871), vitimado pelo mal do século, a tuberculose. Ao contrário de seus contemporâneos, Gonçalves Dias (1823-1864), José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), teve curto tempo para escrever sua obra.

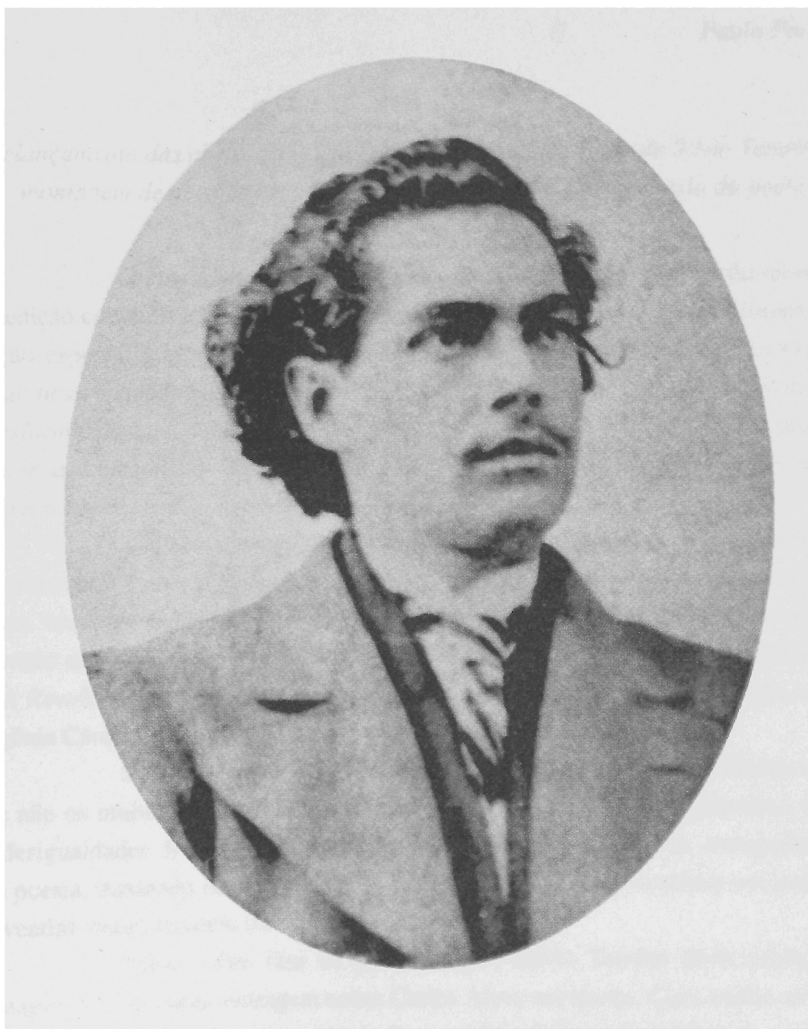
Encontrava-se no auge de sua criatividade, quando a tísica, agravada por complicações de saúde advindas de traumática amputação do pé, ferido numa caçada e em ponto de gangrenar, o levou. Só um de seus livros *Espumas Flutuantes* - fora publicado. Mesmo assim, ele era um astro fulgurante. Seus recitais mobilizavam platéias imensas. Sua polêmica com Tobias Barreto sacudiu o Recife.

Depois da morte, a fama do bardo baiano só fez aumentar. Até os anos 60 deste século, ele era um ídolo nas escolas primária e secundária. Não havia grêmio escolar, que não promovesse recitais de *O Navio Negreiro*. Castro Alves fascinava com seus excessos e sua paixão abolicionista. Tornou-se o símbolo dos que lutavam por causas humanitárias. A morte prematura o transformou num mártir.

No segundo volume de *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido destaca: "*Os seus (da obra de Castro Alves) aspectos positivo e negativo atingem o grau máximo na poesia abolicionista, onde a beleza lírica se alterna ou mistura ao mau gosto oratório e folhetinesco. Ela é o seu florão maior, não apenas por ser sua contribuição mais pessoal à nossa evolução poética, mas porque reúne os dois aspectos fundamentais da sua obra: poesia pública e poesia privada a sociedade e o eu*"

A poesia negra do escritor é definida como *verdadeiro milagre*, uma vez que "*o negro era a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda heróica*" O ensaio de Candido constitui leitura obrigatória para os admiradores do poeta baiano.

Castro Alves faleceu numa tarde ensolarada. E tinha razões de sobra para orgulhar-se. Nenhum poeta brasileiro, antes ou depois dele, causaria tanto furor em míseros 24 anos de vida.



O autor de “Espumas Flutuantes” em uma de suas últimas fotos, em São Paulo